

## A QUESTÃO DA MUNDIALIZAÇÃO DO CAPITAL

### **META**

Analisar os aspectos contraditórios que operam no processo de mundialização do capital. Abordar o papel das grandes empresas, das grandes instituições financeiras e do Estado e suas relações contraditórias.

### **OBJETIVOS**

Ao final desta aula, o aluno deverá:

entender os mecanismos contraditórios que levaram ao nível de desenvolvimento do capitalismo contemporâneo com suas contradições internas e do poder do segmento financeiro, além do peso significativo das chamadas empresas transnacionais. Dominar suas categorias principais: mundialização, finança mundializada e empresas transnacionais.



Money

(Fonte: <http://www.gettyimages.com>)

## INTRODUÇÃO

Vivemos atualmente uma fase fascinante, mas ao mesmo tempo preocupante. Nunca o capitalismo, enquanto sistema histórico, chegou ao nível de desenvolvimento e principalmente gerou tanta contradição como em nossos dias. Questões relacionadas ao meio ambiente, o problema do chamado desemprego estrutural e principalmente a crise estrutural do capital, permitem analisarmos que o quadro é mais preocupante que fascinante.

Desse modo, entender criticamente esse processo é fundamentalmente importante na medida em que nos últimos vinte anos, principalmente após o gesto simbólico dos alemães que derrubaram o Muro que separava Berlim Ocidental da Berlim Oriental, o mundo transformou radicalmente.

Nessa aula, não trataremos a crise do capitalismo, mas como funcionam seus principais representantes institucionais, como o Estado, as instituições financeiras e as empresas transnacionais.

Essa é uma tentativa, através da presente aula, do aluno compreender o complexo mundo em vivemos, onde as decisões de nossas vidas são ditadas fora do Brasil e muitas vezes sem qualquer certeza. O chamado “poder do capital” não foi tão forte como na época contemporânea.

Esse é o desafio da aula, “descortinando o mundo da aparência” que os defensores apaixonados do sistema insistem em aprofundar o sistema dominante, desprezando políticas sociais de distribuição de renda, reforma agrária e urbana. O poder institucional que destacamos prova essa questão, que por sinal começa a se esgotar, principalmente a partir do segundo semestre de 2008, com a crise econômica global.

Vamos à aula, centrando na temática chamada “mundialização do capital”.

7:00	
7:00 - 7:30	Colgate
7:30 - 7:50	
8:00 - 8:30	
8:30 - 13:00	
13:00 - 14:00	
14:00 - 17:00	
17:00 - 17:30	
17:30 - 20:00	
22:00 - 22:05	Colgate
22:10 - 23:00	

A agência de publicidade inglesa, Naked, fez uma agenda com ações diárias em que estariam envolvidas as transnacionais.

(Fonte: <http://www.caixapreta.blog.br>)

## NOVA ORGANIZAÇÃO MUNDIAL

A questão agora é buscar entender a organização do mundo depois da queda do muro de Berlim no final dos anos 80 do século passado e que toda uma literatura foi produzida, bem como do crescimento de justificativas ideológicas onde, finalmente, o capitalismo seria o vitorioso da História.

Para isso, escolhemos a expressão “Mundialização do capital” para esta segunda aula, no afã de contribuir para que o aluno de Geografia possa analisar todo o processo criticamente.

Um aspecto inicial é que temos duas expressões que ideologicamente se opõem: globalização e mundialização. A primeira é a mais conhecida pela maioria das pessoas, e nela muitas interpretações justificadoras da qual diziam que seria um processo irreversível é que “teríamos que nos adaptar” de qualquer jeito. Nos anos 90 tornou-se o discurso mais comum na chamada grande mídia. Já a segunda, não é tão conhecida e esta mais restrita ao meio acadêmico, e na verdade é a tentativa teórica de superar o domínio do discurso globalizante, fazendo uma leitura mais realista e contraditória da realidade capitalista desse período.

E por que você deve apreender esse processo?

Simples, como estudante e leitor crítico de uma realidade tão complexa, resistir a “onda” (ou correnteza) da forte chamada de que “não existe alternativa” ao sistema globalizante, é importante. E ainda mais: construir um discurso para entender essa fase que compreendeu os anos 90 e início deste século, é oferecer condições para entender o quadro atual e que veremos esse quadro ainda neste curso.

Outra questão central de diferenciação das duas expressões, e isso temos que apropriar, é que a globalização transcende uma idéia de que vivemos em mundo heterogêneo, porém infinito de oportunidades para superar as dificuldades e desigualdades. Logo, se existe problemas sociais e econômicos, cabe ao Estado e a própria sociedade resolvê-los, contanto que existam possibilidades de liberdade para que os agentes econômicos (ou seja, as grandes empresas internacionais) atuem na busca do crescimento da economia desses países. Em outras palavras, a globalização traria mais benefícios que problemas, pois o papel dos bancos e das empresas era desenvolver e modernizar os países mais atrasados.

Já a mundialização permite lermos essa realidade a partir de uma abordagem histórica e estrutural (ou seja, através da totalidade!), visto que o mundo capitalista é profundamente desigual e decisões econômicas não são realizadas em todos os cantos do mundo. Mundialização significa um processo de fortalecimento das grandes empresas capitalistas, dos grandes grupos econômicos que definem para onde vai a “onda” do mercado e suas decisões são sempre realizadas em suas sedes, claro, localizadas nos países capitalistas mais ricos do mundo.

### A MUNDIALIZAÇÃO: A VERDADE DOS FATOS

Para alguns autores, e isso podemos citar a obra de François Chesnais – “A mundialização do capital” – onde o autor explica que o capitalismo após o fim do socialismo no Leste Europeu tomou um viés defendido pelos teóricos da globalização, que não poderia haver resistência, como podemos destacar algumas das principais características: *o domínio absoluto do mercado, o império das grandes empresas transnacionais, a força crescente do sistema financeiro e da inovação permanente da tecnologia; sendo estes os novos motores da “revolução capitalista”*.

Entretanto, todo esse arranjo contribuiria para que os defensores da liberdade absoluta de mercado exigissem outras mudanças tanto em termos sociais, como também institucionais. Daí, e aí você deve estar lembrado, a necessidade de realização das chamadas “reformas”, como a reforma trabalhista, previdenciária, tributária e política; e isso foi observado no Brasil durante o governo Fernando Henrique Cardoso. Ao lado dessas reformas, a necessidade fundamental de realização das privatizações como forma de diminuição do tamanho do Estado na economia.

Toda essa correnteza nada mais foi que a conseqüência do domínio do discurso e da prática livre de mercado. E o que isso significou?

Para os defensores do sistema livre de mercado, o Estado não poderia entrar na dinâmica da economia capitalista, ele não teria mais poder para isso, necessitando, portanto, a realização das tais reformas.

A reforma trabalhista, por exemplo, tinha como objetivo justamente em diminuir os direitos dos trabalhadores, conquistados e adquiridos por décadas e agora deveriam ser retirados, afinal esse “custo” não poderia servir como obstáculo na expansão globalizante.

Podemos oferecer um exemplo do discurso que se tornou bem comum durante a década de 90: *ou se fazia as mudanças nas leis trabalhistas de todos os países que possuem essa legislação (como era o caso do Brasil), ou os investimentos externos não viriam!!* Isso se tornou uma ladainha por vários anos no Brasil.

As privatizações seria a outra vertente a ser realizada pelo Estado. Vender as chamadas empresas estatais era resolver dois problemas estruturais do Estado: evitar contratempos do mercado, e isso o Estado era incompetente, por ser ineficiente; e outro, diminuir o *déficit público*.

Em síntese, a imposição da força desses agentes econômicos (empresas e bancos) era *desregular e liberalizar a economia, ampliando ainda mais o domínio dos países mais ricos sobre os países mais pobres, e não passar a idéia que a globalização vem para integrar o mundo, apresentando as mesmas oportunidades em todos os lugares do mundo*.

Assim, a suposta globalização nada mais seria que a mundialização desigual do capitalismo, tendo como um dos principais pilares: a ação

das empresas multinacionais em nível mundial e o desenvolvimento tecnológico. Esse último, naturalmente sob o domínio das empresas que atuam nos chamados setores de alta tecnologia, como a microinformática, a telemática, a engenharia genética e o desenvolvimento das telecomunicações.

Mas importante é entender como essa mundialização se moldou contra os trabalhadores, fortalecendo os agentes econômicos, imperadores da economia de mercado e da força do sistema financeira. Seria interessante o aluno entender esse processo.

### A FRAGILIDADE DO ESTADO PERANTE A MUNDIALIZAÇÃO DO CAPITAL

A primeira e fundamental questão relaciona-se com o novo papel do Estado em todo esse processo. Sabemos que, durante o período do chamado domínio keynesiano, onde o Estado tinha um papel importante no crescimento da economia capitalista, as crises aparentemente tinham desaparecido. Mas a presença do Estado na economia, mesmo trazendo virtudes de segurança ao mercado, também trazia suas contradições. A formação de um amplo mercado interno com a criação da classe média, e as taxas de crescimento razoáveis das economias do capitalismo central; porém, também trouxe seu preço, e ele veio em doses homeopáticas e dura para a realidade desses países: *o aumento da taxas de inflação e o estouro dos gastos públicos*.

O que tornaria insustentável para o Estado na medida em que os custos de manutenção de direitos sociais como seguro-desemprego, educação e saúde pública e gratuita, agricultura subsidiada, transporte barato, etc, tudo isso não tinha a menor condição de continuar. E não adiantava produzir moeda, pois maior volume de moeda circulando, maior a tendência do surto inflacionário.

O Estado esgotaria sua capacidade de manter a ordem econômica e os direitos sociais. Os ataques dos *neoliberais foram fulminantes* contra o Estado, com chavões que fizeram história (“O Estado é gastador, gasta mais do que arrecada, etc.) e como não havia mais respostas da esperada eficiência econômica do Estado, gradativamente essa entidade tão importante na organização da sociedade cederia ao discurso dos defensores da economia de mercado, e começaria a aplicar medidas que retirasse sua atuação na economia, além de realizar aperto nos gastos sociais. Era o paraíso para os neoliberais!

E o tiro de misericórdia seria com as *crises das dívidas dos países subdesenvolvidos na década de 80 do século passado*. E mais uma vez o Estado seria o “culpado” do rombo financeiro. É evidente que, quem pagou a conta

foram os mais pobres, principalmente os países subdesenvolvidos. Um exemplo foi o Brasil. Depois da época do “milagre” viria o pesadelo. O Brasil deixaria de investir na produção para simplesmente fazer algo que estava em crescimento a partir da década de 50: pagar os serviços das dívidas públicas, escorada por altas taxas de juros realizadas pelos Bancos Centrais dos países mais ricos. Os juros eram pagos, mas a dívida não era diminuída.

Ou seja, para países como o Brasil, além do Estado perder a capacidade empresarial, viria simultaneamente outro pesadelo: a dependência financeira dos grandes bancos internacionais. O que formaria um círculo infernal que o Brasil não sairia por décadas, inclusive até os nossos dias.

E aí entramos em outro viés da mundialização do capital: a força do capital financeira sobre a economia como o todo.

### O CAPITAL QUE GERA CAPITAL SEM PRODUZIR RIQUEZA

A mundialização das duas últimas décadas foi um passeio para o chamado “capital portador de juros”. O sistema financeiro imperou sobre o mundo (e ainda impera, mesmo com os problemas na qual trataremos na próxima aula), sob a proteção dos Bancos Centrais e do poder hegemônico das maiores economias do mundo, nunca se ganhou tanto dinheiro sem sair do sistema financeiro. Ou seja, sob a mundialização do capital, quem aplicava dinheiro no mercado financeiro passou a ter mais ganhos do que aqueles que investiam no segmento produtivo. O que gerou um circuito, também infernal, onde *dinheiro gerava mais dinheiro, sem produzir riqueza para ninguém, somente mais dinheiro para que já tinha muito dinheiro.*

E aí o aluno poderá perguntar: sim é uma opção que o aplicador tem, se você não tem dinheiro para aplicar, isso é problema seu!

Não vamos entrar nessa ingenuidade, pois a realidade é muito mais complexa e muito mais cruel do que a colocada simploriamente acima.

Um aspecto importante a ressaltar é que, se observarmos bem, é um absurdo e de certa forma injusto que um punhado de capitalista aplique seu rico dinheirinho sem produzir um só emprego. Mas ele aí vai dizer em tom de arrogância: o dinheiro é meu e faço o que quiser com ele!

Mas temos que dar uma resposta real a esse capitalista:

- Tudo bem, mas quem remunera, quem paga seus ganhos no mercado financeiro?

Por ser um egoísta e pensar em si mesmo e achar que mais competente para ganhar dinheiro do que a maioria da humanidade, naturalmente ele vai replicar:

- Isso não interessa, estou no jogo, ganha quem aposta melhor. A questão é que eu tenho coragem para especular e vocês não, nasceram para serem pobres!

Mais uma vez o capitalista argumenta para si mesmo e não enxerga a realidade. E a resposta real é simples.

Se o mercado financeiro não produz mercadoria e sim produtos financeiros (Bolsas de Valores e de Mercadorias, Venda de Títulos Públicos, Poupança, Renda Fixa, etc.), a remuneração naturalmente deve ser paga por alguém. E nesse caso seria a sociedade que sofreria esse ônus. Ou mais propriamente a maioria da população que é representada pelos trabalhadores.

O aluno poderá perguntar: como? É simples. Uma mercadoria que é vendida no supermercado é produzida por uma empresa que obteve empréstimo de um banco e precisa pagar a dívida e é claro, os juros. Quem compra são os trabalhadores e nela está o tributo que vai para o Estado, o lucro do dono do supermercado e os juros que remuneram os bancos.

Até aí acreditamos que os bancos teriam uma grande importância social econômica, afinal emprestam para empresas que produzem mercadorias e geram empregos. O problema é que: sob a mundialização do capital a questão é cruel.

O maior exemplo, e isso é analisado por Chesnais, que seria o mercado de títulos públicos. Esse foi e ainda é o mercado mais rentável e de retorno garantido para os especuladores-parasitas. Mesmo o Estado estar “falindo”, como dizem os neoliberais, ainda assim os “títulos podres” do Estado são convidativos, afinal o Estado sempre vai ter dinheiro para bancar suas dívidas, convenhamos, Estado não poder falir. Ele pode desaparecer, mas não falir!

E quem ganha com isso? Não é o especulador, pessoa física. Isso não pesa mais no mercado financeiro, o que pesa atualmente são os chamados *investidores institucionais*, grandes empresas que operam no mercado dos títulos públicos. E estes são representados principalmente pelos *Fundos de Pensão*, uma entidade não-bancária poderosa que comanda o mercado, compra, destrói empresas e fazem o sistema funciona em altíssimo risco.

E mais uma vez perguntamos: e quem joga dinheiro nesse saco financeiro? Os trabalhadores de grandes empresas que formaram seus fundos de pensão e estes são administrados por espertos capitalistas que ganham milhões em remuneração, simplesmente porque especulam com o dinheiro de milhões de trabalhadores.

Para o aluno entender vamos citar alguns dois dos maiores fundos de pensão no Brasil: Petros, o fundo dos trabalhadores da Petrobrás; Previ, o fundo de pensão dos funcionários do Banco do Brasil, etc.

Essa é a lógica da mundialização e o sistema financeira, nos parece tem uma grande importância nessa dinâmica perversa e excludente.

Vamos a outro segmento: as empresas transnacionais.

### O PODER DAS EMPRESAS TRANSNACIONAIS

Indiscutivelmente, a presença de empresas de “outros países” não é de data recente. Sempre nos países mais pobre houve esse processo. A diferença é que nos dias atuais elas estão levando grandes vantagens sob o domínio da mundialização do capital

### CONCLUSÃO

Finalmente vamos fechar a aula com uma importante lição: a realidade vai mais além do que a mera aparência. E por trás esta a crueldade e da dureza de se viver em um sistema onde só produz desigualdade social e econômica.

E as três dimensões que apresentamos integram o círculo que chamamos na aula de Mundialização do Capital, expressão emprestada do magnífico economista François Chesnais em seus admiráveis estudos sobre o funcionamento contemporâneo do capitalismo pós-queda do muro de Berlim. Enquanto todo mundo ia na correnteza do neoliberalismo, das privatizações irresponsáveis e da panacéia da diminuição do Estado, o nosso estudioso ia contra essa correnteza, e mostrando que o sistema capitalista nunca teve tão perverso como na atualidade. É existia era uma espécie de “revolução das elites”.

A tríade dessa lógica, que se dar a *partir da fragilidade do Estado, do poder do mercado financeiro e da atuação universal das empresas transnacionais*, é uma demonstração que existiu (ou ainda existe) um processo que marca o sistema capitalista em toda sua história: ele só funciona pela contradição e pela criação cada vez maior de desigualdade.

Esse foi o recado crítico da presente aula. Que o aluno continue em seus estudos!

### RESUMO



Mundialização é a expressão utilizada pelos estudiosos da esquerda, que construíram uma tese fascinante e ao mesmo tempo temerosa na medida em que descortina as contradições do sistema capitalista contemporânea e como operar esse sistema, da qual é socialmente perverso e excludente. Nessa linha a abordagem priorizou três elementos fundamentais para a compreensão dessa realidade tão complexa. A primeira tem a ver com a fragilidade do Estado e nela percebemos que o Estado “entrou em uma sinuca de bico”, onde, primeiro financiou o sistema durante o período kenysiano, sendo um Estado-empresário, mas que depois perdeu força diante da crise da dívida e da subordinação dos Estados mais po-



bres a ordem financeira internacional. exemplos como Brasil, México e Argentina demonstram a fraqueza desses Estados, que ficaram dependentes de recursos internacionais. A questão aprofundou ainda mais com as privatizações ocorridas na década de 90, desmontando a importância do Estado enquanto empresário e mais grave, não tendo mais condições de financiar políticas públicas voltadas para o segmento mais pobre da sociedade, como a educação e a saúde pública e gratuita. Na mesma linha foi a atuação do sistema financeiro mundializado, que subordinou a maioria dos países e criou um sistema sem precedentes: criar capital sem sair da esfera do capital. O que pode ser exemplificado pelos Fundos de Pensão, que efetivamente comandam o sistema financeiro, por serem poderosos, com forte liquidez e concentrarem seus investimentos no segmento mais importante: a dos títulos públicos, dinheiro que tarda, mas não deixa de ser pago. Já as empresas transnacionais, elas criam mecanismos de domínio de seus mercados e operam em nível planetário, na medida em que levam vantagens comparativas em termos de custos, o uso de força de trabalho precarizada e abundância de recursos naturais. E o mais importante é que são empresas “não globalizadas”, mas “transnacionalizadas”, pois existe sempre um pequeno grupo que decide o destino de milhares de trabalhadores em todo o mundo, ou seja, onde as empresas estão operando.

### ATIVIDADES

O aluno deverá analisar três empresas transnacionais que operam no Brasil, levando em consideração os seguintes aspectos: a origem da empresa, em que atividade atua, quantos países ela está presente e no Brasil onde ela está localizada.

Após essa identificação e resposta das questões acima, responder também até que ponto essas empresas trazem danos, principalmente sociais aos países que recebem essas empresas.



### PRÓXIMA AULA

Na próxima aula vamos dar continuidade ao tema, também dentro de uma perspectiva crítica, agora abordando os limites e possibilidades do capitalismo continuar como sistema dominante no planeta.



## REFERÊNCIAS

CHESNAIS, François. **A mundialização do capital**. São Paulo: Editora Xamã, 1996.

\_\_\_\_\_. **A mundialização financeira**. São Paulo: Editora Xamã, 1998.